



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

:: USOS E COSTUMES :: TRADIÇÕES E BRUXARIA

NAS OBRAS DE

CAMILO CASTELO-BRANCO

(Continuação da página 200)

“Conhecia as flores do urgelão, em espigas filiformes, roxas, de sabor amargo, boas para cataplasmas com gemas de ovos nas intumescências do fígado; as urtigas, sedosas, cheias de tubérculos que espirram à epiderme um líquido cáustico, e que bem espremidas dão um suco muito medicinal na brotoeja; a alfavaca sudorífera; a arruda, muito oleosa, de um odor acre, muito usada em infusão pelas mulheres opiladas, amarelas, congestionadas, histéricas, com grande pêso nas virilhas e zumbidos nas orelhas; a parietária vermelha, empubescida, acre, nitrosa, muito diurética; a malva emoliente, estimável em gargarejos e clisteres e nos semicúpios refrigerantes; o verbasco, que frutifica umas cápsulas biloculares muito peitorais; a bardana dos monturos, de raiz fusiforme, tónica, sudorífera, antídoto das herpes; a salva, de flor violácea, aromática, muito provada nas esquinências, gargarejada com um golpe de mel; os grãos do funcho, estriados, cilíndricos, famosos nas cólicas; a erva cidreira, de aroma citrino, excitante, digestiva e anti-espasmódica; a erva moura, que é narcótica; a hortelã vermelha, eficaz contra o reumatismo e nos narizes tapados por fluxões crassas; a mostarda, *sinapis nigra*, a do sinapismo, o divino

sinapismo derivativo, revulsivo, que puxa às pernas o mórbus do cérebro, dos olhos, da garganta; as bagas dos murtinhos para lavagem das impigens, cozidas, e feitas em pó, muito anti-pútridas, contra chagas canceradas, crônicas; a tília, para os chás das velhas que impam e arrotam com grandes borborismos de gases, e dizem que têm flato." — (*Eusébio Macário*, pág. 5 e 6).

A flor urgelão, de que acima fala Camilo, deve ser urgebão, planta verbenácea.

Por êste singelo e corrente desfiar, vê-se que Camilo conhecia bem o mais vulgar e empregado receituário caseiro.

Se tivesse de fazer termo de comparação, iria longe; porém, constatar que de facto a verdade está em muito emprêgo das mênzinas apontadas, é o suficiente.

"Curava a asma com os pós de baratas fritas e torradas; e para escrófulas mandava cozer uma lagartixa viva, e pendurá-la num saquinho ao pescoço do doente, e assim que a lagarta se pulverizava de sêca, as alporcas fechavam-se. Não havia hemorróidas que resistissem às fôlhas de S. Caetano e de *corona-christi*, umas fôlhas que o cirurgião, cheio das ignorâncias da botânica moderna, desconhecia e desacreditava, etc." — (*Obra citada*, pág. 29 e 30).

São mênzinas mais de feiticeira, que as há em escala subida e muito mais extravagantes.

Temos por cá bruxas conhecidas e afamadas que recomendam e preparam cada remédio...

E para prisão de namorados e subsequente engrenagem de maridos, mulheres, amigos e comborças, têm então as bruxas um verdadeiro arsenal sanciprianista.

"Voltou-se para um registo do Senhor do Monte, encaixilhado, sem vidro e muito pintalado de mós-cas..." — (*Obra citada*, pág. 61).

Pintalado — Cheio de pintas, pintalgado, sarapintado.

"Depois, o paquiderme com grandes passos cadenciados subia o escadoz do Bom Jesus do Monte..." — (*Obra citada*, pág. 61).

Escadoz — Escada grande. Escadaria, escadario, escadório.

"A preta não cessava de chorar; — que queria ir para o Brasil, que as moças das freiras andavam sempre a espirrar-lhe, e que, se a viam vir da portaria com alguma franga, punham-se a cantar:

*Quem tem carapinha
não come galinha.*

— (*A Corja*, pág. 96).

Costuma por vezes o garotio, e de pirraça, espirrar quando vê gente de côr preta.

Gente mais crescida, e de azar supersticioso, diz ser de mau agoiro, prenúncio de desagradáveis conseqüências, contrariedades, desgostos, etc., o encontrar-se de manhã, em jejum, uma preta, ou preto.

Mas como os agoiros também têm o seu antídoto, se quando se topa alguém da raça negra nos surge de repente um militar, o poder do agoiro fraqueja e perde a sua acção nefasta.

"Amigo que não presta, faça que não corta, que os leve o diabo pouco importa." — (*Obra citada*, pág. 124).

Desconhecia.

"A Custódia, ao princípio, quando transpunha a soleira da porta, punha de propósito, supersticiosamente, o pé direito." — (*Obra citada*, pág. 142).

E' raríssima a pessoa, sempre que entre a primeira vez em qualquer casa onde vá servir ou fazer qualquer pedido de interesse seu, etc., que não deite, em passo de solene entrada, com

firme propósito e convencida do seu valimento, o pé direito.

E isto é facilímo de observar.

Este preceito cumpriu-o sempre, nos cargos da sua vida, dizem, o grande escritor Eça de Queirós.

Há mesmo os dizeres de recomendação e de censura: «Entra com o pé direito; entraste com o pé direito; não entraste com o pé direito», etc.

E' tam vulgar este sinal supersticioso, como o benzer de respeito, na lavoira, no comêço da vindina, da poda, da ceifa, da sega, etc. Não há lavrador ou lavradeira que não se persigne antes de entrar em qualquer daqueles serviços.

«— Que tens, homem?! perguntou a esposa sobressaltada.

— Doi-me a barriga. ¿Tens enxúndia de galinha na porta?

— Não, menino, esfreguei ontem as cruces com o último migalho.

— Então deixa-me levantar, que vou pedir um bocado ao compadre.

— Não vás, homem; eu vou lá.

— Deixa-te estar, menina. Pode ser que me faça bem andar!

— Então agasalha-te, e não fiques por lá a dar aos taleigos.» — (*Cavar em ruínas*, pág. 144).

Dar aos taleigos — Parolar, dar à língua, à tramela, aos foles.

A enxúndia de galinha, o relógio (partes pudendas do porco), unto, banha, etc., são unguentos caseiros de que o povo se serve frequentemente para aplacar as dores dos ossos e sciáticas.

«— Diga quem é, ou atiro-lhe já! — bradou um. Nem palavra.

O mais possante dos quatro arrojou a fouce e cresceu sobre elle com os braços abertos; mas ao fechá-los, como quem cuidava entortar-lhe as costelas, não achou nada.

— Jesus! exclamaram todos.

E, à palavra Jesus, ouviram um como grunhido abafado, e sentiram uns vapores fedorentos de enxôfre.

Fugiram, rezando o credo. E, quando principiaram a puxar ao peito um ar menos sulfuroso, ouviram a gargalhada aspérrima de Maria Antónia.

— Tua mulher tem pacto com o diabo! foi dizer o amigo a Manuel de Oliveira. Trata de a meter no Santo Officio, se lhe queres salvar a alma.

.....
Entretanto, começou Maria Antónia a ganhar créditos de benzedeira, sem embargo de correrem à conta dela funestas atoardas. Muita gente não passava de noite à porta dela, sem levar um ramo de louro ou murtas embebido em água-benta; mas de dia, era um correr contínuo para casa dela.

Uns iam cortar o bicho. Outros, levantar o queixo. Alguns, a espinhela. Muitos pedir rezas ou chamá-la para assistir a partos perigosos. Bastantes famílias desavindas para se conciliarem. As mães com seus filhos a pedir-lhe remédio para a moléstia da moleira e lombrias. Moléstias de bois e outros animais, tudo curava. E ministrava também segredos para homens seduzirem moças e moças homens...

O que ela fazia ou dizia no acto de suas curas prodigiosas não infundia suspeitas de pacto diabólico. Eram palavras santas acompanhadas de gestos inofensivos da sã religião dos seus doentes. Ainda assim, as pessoas que ela curava, em prova de seu reconhecimento, diziam cá fora que a mulher tinha agulheiro de besouros.

Se Belzebu lá ia ou não à meia-noite, como dantes, ninguém afirmava, porque ninguém se afoitava a espreitar a tal hora tamanho facínora.

As curas prodigiosas de Maria Antónia chegaram à notícia dos Inquisidores de Coimbra. Um dia foi ela notificada para comparecer na sala do Santo Officio.

... «porque se mostra que sendo cristã baptizada, e como tal obrigada a ter e crer tudo o que tem, crê e ensina a santa madre Igreja de Roma, e execrar o demónio como espírito de maldade, e a detestar seus venenosos enganãos, e não usar de feitiçarias, sacrilégios e superstições encontradas à pureza de nossa fé e

religião católica e de nenhum modo adequadas para os fins que pretendia; ela o fez pelo contrário, e de certo tempo a esta parte esquecida de suas obrigações com pouco temor de Deus, dano de sua alma e ruína total de sua consciência, sem saber ler nem escrever, nem aprender ciência alguma, curava todo o gênero de enfermidade de quaisquer pessoas ou animais que se lhe ofereciam, lançando dos corpos de outras endemoninhadas espíritos malignos; fazia unir as vontades discordes entre os casados; levantava os queixos da bôca aos que lhe caíam, e fazia parir com bom sucesso as mulheres pejadas; observando para os efeitos das ditas cousas especialmente as quartas e sextas-feiras da semana por os ter por mais proporcionados para os fins que procurava, usando para êles sômente de palavras, orações, bênção, água-benta, terra de adro, de nove ervas, de cruzeiros que fazia nos braços dos ditos enfermos ou sôbre alguma cousa dos mesmos estando ausentes, mandando encher em rios ou fontes nove vezes uma quarta de água, afim de que vasadas as oito, servisse a nona para remédio dos ditos males.

Para a cura dos quais primeiro estremecia e se espreguiçava e fazia visagens com a bôca, cobrindo-a. Dizia que em ela tomava os males e ar dos ditos enfermos, aos quais mandava que passassem por pontes escuras para trás. Dava cartas a que chamava de tocar, para fins torpes e desonestos, mandando-as meter primeiro escondidamente debaixo da pedra de Ara sôbre a qual se dissesse missa. Fazia supersticiosamente devoções armando uma mesa de três pés para cima, pondo em cada um sua vela ou candeia acesa, e no meio uma imagem de S. Arasmo, dando passos ao redor e fazendo rezas, e finalmente chamava pintãos, os quais logo visivelmente lhe apareciam negros, e os consultava para saber deles como havia de fazer as ditas curas, e, dada a resposta, desapareciam."

Vejamos agora como a ré se defendeu no primeiro interrogatório.

... "para efeito de fazer as ditas curas, depois de fazer três cruzeiros em os braços dos enfermos, dizia as palavras seguintes: *Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo; eu pecadora indigna com muita humildade benzo e cerco êste bicho e bichoso sem razere* (?)

sarna e fogo com que o corpo de... (nomeando o enfermo por seu nome) *seja são e salvo como à hora em que foi nado, pelo poder de Deus, de S. Pedro, S. Paulo e S. Tiago.*

"E para levantar o queixo de qualquer pessoa: *Brás brasino, Padre, Filho e Espírito Santo e Abraão te levante o teu assimilão.*

"E que para parirem, unir vontades e desfazer discórdias entre casados, dizia: *Eu te desato e desligo pelo poder de Deus, de S. Pedro, S. Paulo e S. Tiago.*

"Mandando se lavassem três vezes com água-benta, lhes ensinava dissessem enquanto se lavavam as palavras seguintes: *Desato-me, desligo-me, desencancho-me, desenfeição-me pelo poder de Deus, de S. Pedro, S. Paulo e S. Tiago.*

"E que, para curar do achaque da moleira a qualquer pessoa, tomava um púcaro de água fervendo e o deitava em qualquer vasilha, e, pondo-a na cabeça do enfermo, dizia: *Que te ergo?* O enfermo respondia: *Moleira com seu miolo.* Então dizia a ré: *Pelo poder de Deus e de S. Pedro moleira e miolo te levanto.* E, dito isto, tornava a perguntar a ré: *Que te alço?* E o enfermo respondia: *Moleira, terregido e vago.* E então tornava a dita ré: *Pelo poder de Deus e do Espírito Santo, moleira e miolo te levanto.*

"E, para curar os que tinham a espinhela caída e ventre, dizia: *Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, Jesus, Jesus.*

"E, ditas por três vezes estas palavras, continuava: *Assim como as ondas do mar fora vão saliar* (salgar?), *assim torne o teu ventre, rosca e taboleta a seu lugar para serviço de Deus, Amém.*

"E, para o efeito de curar bois e quaisquer outros animais, usava de ervas dos adros e de terra de lugares sagrados, e fazendo com estas coisas um cozimento, e lavando com êle o boi, dizia: *Assim como te lavo com esta terra e erva de sagrado, assim te desato, desligo, desencancho e desenfeição, pelo poder de Deus, de S. Pedro, S. Paulo e S. Tiago.*

"E para curar os meninos de lombrigas, dizia: *Bichos que te talho pelo poder de Deus e de S.^{to} Inofre e de S. Gualdofre, que tu sejas são e salvo como à hora em que foste nado para serviço de Deus, Amém.*

«As quais curas feitas em a sobredita forma e por meio das ditas palavras confessou outrossim que produziram os efeitos que pretendia, e com elas saravam todos os doentes, os quais para êste fim a procuravam, e que ela não tinha feito pacto com o diabo, nem por virtude dêle fazia as ditas curas, porque as obrava só por meio de palavras santas e virtuosas.»

Com referência a esta segunda sessão, continua a sentença:

«Porém, resultando dêste extraordinário modo de curar, e da prova da justiça, a presunção que êle procedia de ter a ré pacto com o diabo, a cujo diabólico poder se haviam de atribuir os efeitos, quando os remédios não são adequados para o dito fim nem as palavras instituídas para êle, antes quanto mais santas são e mais chegadas do autor da santidade, fica a dita presunção sendo maior, pois o demónio procura com ela ser honrado com a semelhança de Deus; e outrossim se confirmar com a ré as proferir sôbre cousas dos ditos enfermos, os quais também saravam estando êles distantes — o que não podia ser sem o auxílio do mesmo demónio, pois todo o remédio para curar com efeito se deve aplicar por contacto formal ao dito enfermo, e não a cousas suas estando êle distante, e que a ré maliciosamente encobria o dito pacto.»

.....
«Disse e confessou que para fazer as curas que tem declarado, sempre precedia a devoção, que chamava de Santo Arasmo, a qual fazia com a forma seguinte: Punha e armava a dita mesa de três pés que ficassem para cima, e em cada um, em sinal de culto e veneração, punha uma vela acesa, e em meio desta mesa uma tábua em a qual estava pintado Santo Arasmo, e aos lados do mesmo dois demónios, e, ornada desta forma a dita mesa, rezava a oração seguinte: *Santo Arasmo, bispo, arcebispo, capelão e confessor do meu Senhor Jesus Cristo, papa em Roma, por êsses ardores e fervores que tivestes em vosso santo coração quando vistes estes cruéis inimigos às vossas ilhargas para as vossas tripas vos tirarem, e em um caneleiro as encanelarem, e em o mar salgado vô-las botarem, assim, santo, fazei isto que vos peço.*

«E que, dita assim esta oração, da qual também

usava em casos graves e urgentes, declarou, lhe aparecia às vezes uma pêga preta e branca, e, em outras, dous ou três pintãos pretos ou pardos, os quais, às vezes, vinham voando pelos ares até à porta da casa em que a ré vivia, e por ela entravam por seus pés até o lugar onde a ré estava; e que então lhes perguntava ela como havia de fazer a cura que intentava; e então a dita pêga ou os pintãos lhes respondiam com voz humana e inteligível, mas não muito clara, a forma em que a ré a devia fazer; com esta diferença que se a pêga lhe aparecia era sinal de que o mal havia de ter remédio; e se os pintãos, era sinal de maior dificuldade. E que, feita a pergunta e dada a resposta, tornavam logo a desaparecer as ditas aves, voando da mesma sorte, mas com vultos maiores, como transfigurados em outras cousas, que a ré nunca pôde compreender; e que sempre o sucesso das ditas curas era aquele que a pêga ou os pintãos lhe tinham dito.»

.....
Ao fim de algumas semanas, reconduzida ao salão dos tormentos, a feiticeira de Seixo, antes de ser aposta ao cavalete, disse o que nos vem informado no prosseguimento da sentença por êste teor:

.....
«Disse ultimamente e confessou que haveria o tempo que declarou em a mesa do Santo Ofício, estando em certa parte que também declarou, lhe apareceu de repente um mancebo bem afigurado, vestido de pano preto, comprido, o qual lhe disse que logo havia de passar por aquele lugar um doente, o qual ela curaria fazendo-lhe certos remédios que declarou e com êles sararia. E perguntando ela ré ao dito mancebo quem era, êle respondeu que era um homem que por ali passava. E com isto se foi, e não passou então mais nada com êle. E que o dito doente com efeito logo viera, ao qual curou e sarou com os ditos remédios que o dito mancebo lhe ensinara. Depois de passados alguns dias, sonhou uma noite na cama que falava com o demónio. Levantando-se de manhã e saindo fora de casa, lhe tornou a aparecer o dito mancebo do próprio modo e mesmo vestido que da primeira vez lhe tinha aparecido, e em êle advertiu então que cobria os pés; e estes não eram como os de homem, mas como de

bode ou cabra. E então lhe perguntou o dito mancebo se curara aquele doente e como se achara; e ela ré lhe respondeu que sim curara e com efeito sarara; êle disse então que era o demónio e se chamava Belzebu, e que, se ela ré quisesse fazer curas, sarar enfermos e fazer outras cousas preternaturais e extraordinárias, impossíveis ao poder humano, êle lhe ensinaria o modo de as poder fazer; porém em sinal de sujeição lhe havia de dar uma gota de sangue seu tirado de uma mão ou dedo e que por sua conta e louvor desse uma esmola a um pobre e que sobretudo havia de crer em êle, e não em a fé de Cristo Nosso Senhor, a qual havia de deixar de todo o coração, esperando em êle que lhe appareceria em figura de pêga ou pintão para aconselhar as vezes que o invocasse por meio da devoção de Santo Arasmo, que havia de fazer em sinal de veneração e culto seu.

«E que persuadida ela ré com o dito ensino e desejosa de fazer extraordinariamente as ditas curas, cega e precipitada respondeu ao dito demónio que estava em tudo pela convenção, excepto dar-lhe seu sangue; e, com esta resposta, se fôra o dito demónio, e observou-lhe os pés e então viu mais claramente serem como de bode ou cabra. E que com efeito deu a esmola ao pobre em louvor do demónio, creu em êle e não em a fé de Cristo Nosso Senhor, a qual detestou de todo o seu coração, e em o dito tempo o invocara quando fazia a devoção a Santo Arasmo; e êle lhe apparecia em figura de pêga ou pintão, em virtude do pacto, para aconselhar o verdadeiro modo de fazer as curas, e que esta era a razão por que elas tinham seus compridos efeitos, etc., etc.»

Chegado o dia do auto-de-fé, Maria Antónia ouviu ler a sentença, que dizia assim:

.....
«Recebem a ré em o grémio e união da santa madre Igreja católica romana, como pede, e lhe mandam que vá ao auto-de-fé na forma costumada com carocha e rótulo de feiticeira, e em êle ouça sua sentença; que abjure publicamente seus heréticos erros em forma; e em penitência dêles lhe assinam cárcere e hábito penitencial perpétuo, e será açoutada pelas ruas públicas desta cidade, *citra sanguinis effusionem* (sem que lhe

façam sangue) e a degradam para sempre do lugar de Seixo, e por tempo de cinco anos para o reino de Angola. E será industriada nas coisas da fé necessárias, para a salvação da sua alma, e cumprirá as mais penas penitenciárias e espirituais que lhe forem impostas; e mandam que da pena de excomunhão maior em que incorreu seja absoluta *in forma ecclesiae*.» — (*Cavar em ruínas*, capítulo XVII — *Mefistófeles e Maria Antónia*, pág. 193 a 205).

E' sobremaneira curioso êste documento, sendo certo que muitos desta natureza devem existir, merecendo pelo valor comparativo ser consultado, pois se vê como de longe vem a prática supersticiosa de arraigamento feiticeiro, e onde se topa mesmo flagrante semelhança nas orações apontadas, com os ensalmos da nossa credence popular.

Ler também as *Constituições sinodais do Arcebispo de Braga de 1639*, em artigo de Consiglieri — Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa — na revista «O Positivismo», ano II, pág. 225, onde se condenam tôdas as práticas de feitiçaria, nigromância, e o que delas use, sob pena de excomunhão. E' interessante a lista apontada, observando-se que todos os pontos referidos são ainda hoje os mais arraigados na prática do nosso povo.

O desenvolver dêste ponto seria complexo, mas não está na medida do esboço geral dêste trabalho, que é de singelo recolher e anotar passageiro.

«Voltei lá no ano seguinte, armado de figas que espantam maus ares, e nóminas e amuletos refractários ao demónio.» — (*Noites de Lamego*, pág. 167).

Refere-se Camilo à festa de S. Bartolomeu, em Cavez, grandemente concorrida de mulheres endemoninhadas.

E acrescenta: «Quando cheguei, vi simplesmente cinco demoníacos, amarrados por cinquenta braços de pujantes barrosãos, enquanto

o santo, de bom tamanho e de pedra, era levado da cabeça de uma para a das outras energúmenas. O demónio rabiava nelas desencabrestadamente, quando o milagroso granito lhes pesava. O padre levantava a voz também enfurecida, e insultava desabridamente o inimigo do género humano, obrigando-o a ir esconder sua derrota nas profundezas do inferno. As raparigas desincubadas caíam sem fôrças no regaço das mães chorosas, arquejavam, iam-se a pouco e pouco restaurando, e erguiam-se afinal sãs, para irem depôr no altar do santo o voto, e rodearem sôbre joelhos a igreja."

(Continua).

ALBERTO V. BRAGA.